

P A R A D I G M A S
D A E X C L U S Ã O S O C I A L

Brasília, junho de 2008

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA – UCB

Reitor

José Romualdo Degasperí

Pró-Reitor de Graduação

José Leão da Cunha

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Geraldo Caliman

Pró-Reitor de Extensão

Luiz Síveres

EDITORA UNIVERSA

Diretora

Marta Helena de Freitas

Coordenadora

Angela Clara Dutra Santos

Coordenadora Editorial e Revisora

Margarida Drumond de Assis

Conselho Editorial

Armando José China Bezerra

Betânia Ferraz Quirino

Lúcia Henriques Sallorenzo

Mariza Vieira da Silva

Roberval José Marinho

Sueli Corrêa de Faria

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO)

Vincent Defourny

Representante da UNESCO no Brasil

Coordenador Editorial

Célio da Cunha

PARADIGMAS DA EXCLUSÃO SOCIAL

GERALDO CALIMAN



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

UNI
TWIN

Cátedra UNESCO de Juventude,
Educação e Sociedade



©2008. Editora Universa e Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Revisão: Jeanne Sawaya

Capa e Projeto Gráfico: Edson Fogaça

Diagramação: Rodrigo Domingues

Caliman, Geraldo

Paradigmas da exclusão social / Geraldo Caliman. – Brasília: Editora Universa, UNESCO, 2008.

368 p.

ISBN:

I. Exclusão Social 2. Delinqüência juvenil 3. Desigualdade Social 4. Discriminação Social 5. Pobreza I. UNESCO II. Título

O autor é responsável pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, nem tampouco a delimitação de suas fronteiras ou limites.



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Representação no Brasil
SAS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6,
Ed.CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar
70070-914 - Brasília - DF - Brasil
Tel.: (55 61) 2106-3500 / Fax: (55 61) 3322-4261
Site: www.unesco.org.br
E-mail: grupoeditorial@unesco.org.br



Editora Universa - UCB
Q.S. 7 Lote I Águas Claras
Taguatinga - DF 71966-900
Tel.: +55-61-3356-9157
Fax: +55-61-3356-3010
Site: www.ucb.br
E-mail: universa@ucb.br

CAPÍTULO I4



OBSERVAÇÕES SOBRE A PESQUISA SOCIOLÓGICA

Esta breve exposição pretende propor algumas orientações para a pesquisa social. Partimos de um ponto de vista histórico, para ressaltar determinadas fases da pesquisa sociológica. Seguem algumas considerações teóricas: três amplas perspectivas nas quais a pesquisa sociológica move a ciência, entre corrente voluntarista, objetivista e subjetivista. O campo de aplicação da pesquisa sociológica, entre uma análise de tipo macro e microssociológica; os diversos paradigmas que se sucedem e se realçam em alguns períodos históricos da sociologia; a devida imaginação sociológica do pesquisador como atitude fundamental; a relação e os confins com as outras disciplinas; o objeto da pesquisa social e uma categorização das pesquisas segundo o objeto que perseguem; e, enfim, propomos uma exemplificação e uma exercitação.

I. TRÊS PERSPECTIVAS DE FUNDO

a) O voluntarismo

Segundo essa perspectiva o homem é um ser histórico e não se pode aplicar a razão pura para interpretar o seu comportamento; enquanto o objeto das ciências naturais são os fenômenos externos ao homem, o das ciências “humanistas”

estuda o mundo das relações entre as pessoas e é histórico por excelência. A vontade dos seres humanos é livre e, portanto, ninguém está em condições de prever as suas ações e de avançar generalizações que lhe dizem respeito. Esta concepção consentiria somente o estudo de eventos únicos, sem previsões e explicações. A interpretação acima é denominada voluntarismo. Notável representante dessa corrente interpretativa é Wilhelm Dilthey¹.

b) Objetivismo

Segundo essa perspectiva os fenômenos sociais são dotados de uma ordem e podem ser generalizados. Não existem grandes diferenças entre a ciência física e natural e a ciência social. Notável representante desta corrente na sociologia é Emile Durkheim². Partindo do pressuposto segundo o qual o objeto típico da sociologia é o “fato social”, ou seja, modos de agir, pensar e sentir exteriores ao indivíduo, existem fatos sociais normais e os patológicos.

Essa perspectiva sob a qual se movem particularmente os positivistas, tende a utilizar técnicas quantitativas (elaboração de dados, construção de escalas, análises estatísticas etc.) e a formular hipóteses. Para eles a sociologia é uma ciência explicativa forte e a realidade social é concebida como objetiva e determinada.

c) Subjetivismo

Uma aproximação intermediária entre os dois extremos do voluntarismo e do positivismo. A sociologia não encontra o seu objeto no determinismo das leis sociais (positivismo), e nem mesmo na historicidade e dinamicidade fugaz da ação voluntária do homem (voluntarismo). Exponente dessa solução intermediária, Max Weber³, acredita que a vontade livre do homem é exercitada

1 DILTHEY, 1982, Loc. 33-B-248.

2 DURKHEIM, 1970, Loc. 20-B-1826.

3 WEBER, 1974, Loc. 20-C-3032.

de um modo racional, portanto, a ação humana pode ser prevista mediante a compreensão da ação racional. Para o autor é legítima, mas inadequada, a transposição dos métodos científicos das ciências naturais às ciências sociais. Em muitos casos, esses podem ser utilmente substituídos pela compreensão direta, possível na ciência social, visto que o pesquisador faz parte do mundo pesquisado; ele é um membro do mesmo grupo que está estudado. O pesquisador social observa uma pessoa em uma determinada situação e condição, entra em empatia com ela e compreende o que ela sente; tenta descobrir o sentido e o significado que essa pessoa dá às ações que executa. O pesquisador tenta descrever e explicar as conformações históricas individuais e a regularidade do agir social.

O objetivo da ciência é o de descrever e explicar a realidade. O conhecimento científico é produzido pelas explicações causais que se sustentam sob o estudo de alguns aspectos do devir, de precisos fenômenos e não de todos os fenômenos. Fazemos escolhas que compreendem: o fenômeno a ser estudado, o ponto de vista sob o qual tal fenômeno é estudado e, portanto, as causas de tais fenômenos. Tais escolhas acontecem balizadas em certos valores.

A síntese dos conhecimentos, mesmo que fragmentada, pode confluir em direção a um “tipo ideal” de fenômeno, mediante conexão de uma quantidade de fenômenos particulares difundidos e discretos. O tipo ideal serve como instrumento metodológico para construir um quadro ideal para depois medir ou comparar a realidade efetiva, entre aproximações e distanciamentos entre esta e o modelo.

Cada uma das aproximações acima tem seus pontos fortes e pontos débeis. Depende do pesquisador encontrar o método justo para atingir os objetivos aos quais ele se propõe.

2. O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA SOCIOLÓGICA

Podemos identificar algumas etapas do desenvolvimento da pesquisa social, ou quatro grandes fases:

Período preparatório: século XVII – início do século XIX, caracterizado por dificuldades de obtenção das informações sistemáticas. O que se faz são muito mais relevamentos de dados demográficos (exemplo: Lavoasier na nascente República Francesa).

Período de “desconhecimento”: o século XIX até a primeira década do século XX. Tal fase caracteriza-se por motivações sociais para as pesquisas e pela falta de conhecimento de que se fazia também pesquisa social no momento em que se ligavam dados estatísticos ou documentos relativos a fenômenos sociais. Deste período, pertencem algumas pesquisas típicas como as do suicídio de E. Durkheim, sobre “estatística moral” de Quételet⁴; sobre as condições de pobreza na Inglaterra de Rowntree.

Período das escolas: entre as duas grandes guerras nascem as grande “escolas”. Caracterizam-se especialmente pelo movente social, como a criminalidade⁵, o desvio social, a assimilação dos imigrantes⁶, o conflito racial⁷. Faz escola, sobretudo, a Escola Ecológica de Chicago que, com o estudo e a observação dos territórios problemáticos, preocupa-se com a descoberta das causas do desvio social e da marginalidade presentes na cidade.

Período do pós-guerra: caracterizado pelo desenvolvimento das pesquisas sociais segundo uma aproximação quantitativa de ampla influência, nacional e internacional, utilizando-se já dos instrumentos informáticos; e o desenvolvimento também das pesquisas segundo uma aproximação qualitativa.

4 QUÉTELET, 1974; GUERRY, 1864, op. cit.

5 THRASHER, 1963, op. cit.

6 THOMAS; ZNANIECKI, 1968, op. cit.

7 JOHNSON, 1930.

Dentro da aproximação qualitativa podemos individuar três endereços de pesquisa, ou seja, o interacionismo simbólico (e a *labelling theory*), a etnometodologia e a teoria do estigma.

O primeiro endereço, o interacionista, focaliza o processo interativo que se desenvolve entre as pessoas, entre as ações, as percepções da ação e a reação a ela⁸ de modo a provocar um processo de rotulação nos sujeitos que manifestem comportamentos alternativos, estilos de vida, diversidade social⁹.

O segundo endereço, a teoria do estigma¹⁰ (E. Goffman, 1968) caracteriza-se pela concepção segundo a qual o ator social constrói o seu mundo: a sociedade é um palco onde acontecem inúmeras representações idealizadas. Cada um é aquilo que representa no palco da vida.

A terceira, a etnometodologia, por sua vez, origina-se das críticas às metodologias empíricas, ou à pretensão dessas de descobrirem uma “ordem social”. Nega-se assim a posição funcionalista, segundo a qual os fatos sociais possuem realidade própria; se preocupa, ao invés, de como as pessoas constroem, tratam, tornam comum e depois percebem as regras comportamentais.

A etnometodologia é uma das correntes que mais radicalmente adota esta metodologia weberiana: assim não busca formular leis científicas gerais, mas sim concentra-se nas situações únicas dos sujeitos e nos significados que eles dão ao mundo que os circunda. Tende mais a “trabalhar na reconstrução de um fragmento particular da realidade social com base nos elementos que o mecanismo estrutural postula, aumentando assim a visibilidade de outros fragmentos, o autoconhecimento coletivo”¹¹.

A corrente qualitativa (ou humanista ou hermenêutica) serve-se da observação. Tende a utilizar uma aproximação mais semelhante àquela de M.

8 BECKER, 1963, op. cit.

9 MATZA, 1976, op. cit.

10 GOFFMAN, 1970, Loc. 33-B-45 23.

11 CARBONARO; GURRIERI; VENTURI, 1989, p. 51.

Weber. Concentra-se decididamente sobre a análise das conversações para uma compreensão mais subjetiva dos objetos da sua pesquisa; coincide o mais possível com os modelos de análise da ciência social com a percepção subjetiva que os atores sociais têm dos próprios estilos de vida quotidianos. Ao invés de conceberem a realidade social como objetiva e determinada, a concebem como um problema sempre aberto. Ao invés de conceberem o indivíduo como produto da sociedade e condicionado por estruturas, por regras, por sistemas de valores, essa corrente sustenta que dos indivíduos emanam todas as formas sociais. Ao invés de se moverem sob o plano das funções coletivas, dos macrodeterminismos, preferem trabalhar sob o nível das interações que ocorrem na vida quotidiana, sobre a pesquisa de significados e sobre percepções que os “atores sociais” têm da vida.

3. RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PESQUISA CIENTÍFICA

3.1. Paradigmas

O termo paradigma significa um conjunto de proposições que formam uma base de acordo sob a qual se desenvolve uma tradição de pesquisa científica. Em outras palavras, a linguagem com a qual são formuladas as teorias científicas. No âmbito das ciências sociais, nos referimos seja ao termo paradigma sociológico, seja ao termo tradição de pesquisa.

A maior parte dos paradigmas sociológicos demonstram a probabilidade de um risco “determinista” quando consideram as ações dos agentes sociais como integralmente explicáveis, partindo de elementos anteriores a tais ações (limitações estruturais, processo de socialização etc.). O determinismo cancela a intencionalidade ou a vontade do agir humano. Estes paradigmas deterministas são:

- o hiperfuncionalismo: em que a análise dos papéis, das normas e das expectativas são executadas de modo rígido, como um dado, negando qualquer criatividade e interpretação subjetiva dos papéis;
- o hiperculturalismo: em que a interiorização de normas e valores determina a ação e os comportamentos;
- o realismo totalitário: em que as escolhas do indivíduo são determinadas pela estrutura social.

3.2. A imaginação sociológica

A imaginação sociológica constitui uma espécie de atitude do pesquisador, o qual deve observar a realidade social sob diversas dimensões:

- dimensão histórica: para que possamos perceber as transformações que ocorreram, que ocorrem e que se prefiguram em torno das formações sociais;
- dimensão antropológica, ou a capacidade de superar a concepção etnocêntrica que acredita ter poder, a partir de uma “cultura universal”, para julgar as outras culturas. O pesquisador deve ter a imaginação sociológica para utilizar instrumentos de pesquisa (questionários, escalas de avaliação) que sejam adaptados ao contexto cultural no qual são usados. Por exemplo: a pergunta “quantos filhos você tem” deve ser seguida por uma interpretação que tome em consideração os significados que acompanham o desejo de ter ou não filhos: o apoio das políticas sociais ao orçamento familiar; o apoio quando os pais entrarem no período da terceira idade; a realização pessoal; o medo de não conseguir a auto-sustentação.

Como consequência do posicionamento entre estas perspectivas, o campo de aplicação da pesquisa sociológica muda, entre “realidade social” objetiva e o “agir social” subjetivo, entre macro e microsociologia, como também entre teorização e pesquisa empírica.

3.3. O campo de aplicação da pesquisa sociológica

A inteira realidade social: aspectos estruturais, condutas coletivas. A pesquisa privilegia a quantificação da realidade social e se estuda as instituições (como a família, a escola, os partidos políticos etc.), o condicionamento que essas estruturas provocam sobre a percepção das pessoas e a reação delas a tais condicionamentos.

O agir social estudado a partir da conjugação entre a compreensão dos fenômenos sociais com a respectiva explicação (M. Weber): a pesquisa privilegia o aspecto qualitativo das informações, aprofunda a percepção dos indivíduos para explicar a história individual com as regularidades do agir social.

Boudon (1970) distingue três grandes categorias de pesquisa social:

- a) Que tem como objeto as sociedades entendidas na globalidade:
 - focalizadas sobre as mudanças sociais: por exemplo, a pesquisa de M. Weber sobre a relação existente entre ética protestante e nascimento do capitalismo moderno (qualitativa); de E. Durkheim sobre a divisão do trabalho e sobre o suicídio (quantitativa);
 - focalizadas sobre sistemas sociais: por exemplo, a pesquisa de T. Parsons sobre a relação que ocorre entre o sistema econômico e o sistema da socialização.
- b) Que tem como objeto segmentos particulares da sociedade:
 - referem-se não às sociedades no seu conjunto, mas a fenômenos parciais que dizem respeito a indivíduos e ao “campo” social no qual eles agem.

Baseiam-se sobre pesquisa de sondagem (*survey*). Por exemplo, a pesquisa de M. Halbwachs sobre necessidades e as preferências no consumo da classe operária francesa; de G. Tarde sobre os comportamentos sociais imitativos.

c) Que tem como objeto uma unidade social:

- o ponto de referência não é nem a sociedade global nem os segmentos sociais, mas as unidades sociais “naturais”, como os grupos, as instituições e as comunidades. Por exemplo, a pesquisa de R. Lynd e H. Lynd sobre a mudança da estratificação social dentro de uma comunidade urbana, antes (no ano de 1929) e depois (no ano de 1937) da grande depressão da economia dos Estados Unidos.

3.4. As relações de circularidade entre teoria e pesquisa empírica

Encontramos na história das ciências sociais uma contínua dialética entre paradigmas macro e microssociológico e entre teoria e pesquisa empírica.

Por um lado, o problema da relação entre condicionamentos estruturais e o agir individual determina uma variação das impositões metodológicas entre os paradigmas macro e os microssociológicos.

O paradigma macrossociológico ocupa-se de processos extensos, tais como o Estado, a classe social, a cultura, a organização. E o método mais utilizado é o da análise histórico-comparativa, com uso de estatísticas oficiais, da pesquisa com amostragem (*survey*).

O paradigma microssociológico, por sua vez, consiste na análise detalhada dos microprocessos da vida quotidiana: aquilo que se fala, que se faz, que se pensa; o método privilegia a observação direta (registro escrito, oral e visual).

Na questão entre a teoria e a pesquisa empírica, nota-se alguns desvios na relação recíproca entre essas duas dimensões da pesquisa. Por um lado, a teoria

conceitual como fim em si mesma, ou a assim denominada “grande teorização”. Por outro, as sofisticadas empíricas levadas ao extremo no “empirismo abstrato”. Ambas as imposições tendem a ser evitadas.

R. Merton propõe uma solução para a relação entre teoria e pesquisa de campo, e entre macro e micro-análise sociológica, que ele denomina de circular: a reflexão teórica orienta o trabalho de pesquisa e este, por sua vez, influencia a teoria, a valida ou a substitui por um modelo mais válido.

A circularidade realiza-se em dois tempos: 1) o primeiro tempo vale-se de um percurso dedutivo no qual são enunciados formalmente as hipóteses e o quadro teórico de referência, que posteriormente são relacionados de modo claro aos dados e às variáveis a serem verificadas; 2) o segundo tempo trata de ajustar os resultados obtidos, comparando-os com outros que antes pareciam diferentes.

3.5. A relação com as outras disciplinas

Além da relação que ocorre entre teoria e pesquisa de campo, consideramos também o que ocorre entre a pesquisa sociológica e as pesquisas de outras disciplinas. A pesquisa social apresenta com mais frequência ocasiões de sobreposição ou de integração com outras disciplinas como a antropologia cultural, a psicologia social, a ciência política, a economia, a história. É necessário estar atento para não confundir os campos de atuação. Existem dois critérios para individualizar a identidade e a autonomia da pesquisa sociológica: uma “residual” e outra “formal”.

I. Residual: aqueles que seguem tal critério crêem que a pesquisa social deva-se ocupar dos fenômenos humanos que não sejam objetos de uma outra disciplina especializada. Pressupõe, assim, confins claros entre as disciplinas. Essa perspectiva é muitas vezes criticada, visto que as diversas disciplinas

estudam substancialmente a mesma realidade fenomênica e as sobreposições entre os confins entre as diversas disciplinas são mais numerosas que as áreas de separação entre elas.

2. Formal: a análise desloca-se do conteúdo dos fenômenos sociais às relações que intercorrem entre os sujeitos individuais e coletivos. As várias disciplinas podem concentrar-se sobre um mesmo objeto e convergir os seus recursos metodológicos, de modo que interpretem-no segundo perspectivas diferentes. Cada disciplina, pois, renuncia a uma possível “soberania territorial” sobre o objeto estudado, que no mais das vezes colabora somente para a reificação do saber.

4. A PESQUISA NA PEDAGOGIA SOCIAL

4.I. Alguns endereços da pesquisa sociopedagógica

D. Izzo individualiza o desenvolvimento e a articulação da pedagogia social segundo quatro endereços:

I. Como reflexão da educação em geral, a pedagogia social tem dois objetivos: de elaborar o conceito de educação em chave social e de contribuir para a concordância e integração das finalidades expressas pelas várias instituições sociais. Depois o autor analisa: a) os fatores sociais da educação presentes nas instituições que demonstram intencionalidade declaradamente educativa; b) os fatores sociais da educação presentes nas instituições que, por si só, não têm intencionalidade educativa, mas podem estar carregadas de potencialidade educativa; c) as finalidades educativas nos seus significados e na sua magnitude social.

2. Como educação na sociedade, por meio da sociedade e para a sociedade (P. Natorp): o homem torna-se homem somente através da sociedade humana. As instituições sociais podem ser, como construção do homem,

oportunidade para o homem, a favor do homem. Cresceu muito nos nossos tempos, o compromisso com a formação e a cultura. O empenho alastra-se por outros conceitos como de comunicação, de intercultura, de participação, de cooperação etc.

3. Como pedagogia para os casos de necessidade, no sentido seja de ajuda que de prevenção. A pedagogia é uma ciência prática. O pedagogo é um homem imerso na realidade social: percebe a realidade com a sensibilidade educativa e, premido por ela, responde às demandas emergentes. São exemplos os educadores São João Bosco, Henrique Pestalozzi, Paulo Freire: homens de convicção. Em outras palavras, é a fase da pedagogia social na qual o pedagogo social concorre fortemente pela recuperação da dignidade humana.

4. Como ajuda para a vida: em um último estágio, a pedagogia social não responde somente a necessidades emergentes, mas as supera. A quarta fase responde à necessidade de solidariedade social que já está presente no Estado, mas também na sociedade civil: voluntariado, instituições de acolhida, prevenção, recuperação e reinserção social etc. É a pedagogia do compromisso. É o momento da responsabilidade social em resposta às necessidades sentidas não somente por parte dos socialmente excluídos, mas também de quem ajuda.

4.2. O objeto

Do ponto de vista espacial: pode ser constituído por grupos uniformemente distribuídos; ecologicamente concentrados; ou que compartilham o mesmo espaço lógico (classe escolar, setor de uma indústria); pessoas em transição sob o território (imigrantes, nômades).

Do ponto de vista do aspecto temporal: a pesquisa pode ser transversal e longitudinal. Transversal quando se dedica ao estudo de um segmento diversificado por idade, sexo, raça, religião, ocupação, renda, instrução, em um determinado

momento prefixado. São mais adaptadas às análises macrossociais, típicas das pesquisas por amostragem (*surveys*). A pesquisa longitudinal, por sua vez, concentra-se sobre determinado grupo social, sobre um período de tempo prolongado. Exemplo é a pesquisa dos Lynd sobre a *Middletown* americana (1927-1937). Servem mais às análises das mudanças sociais, das correntes migratórias, das mobilidades sociais, da urbanização, da colonização, da integração racial etc.

A pesquisa sociopedagógica estuda a fenomenologia educativa em três dimensões: como fatos, eventos e interventos:

1. Os fatos educativos: dizem respeito às situações ou às situações de fato que são acompanhadas no seu processo evolutivo (estruturas econômicas, taxas de analfabetismo, desocupação intelectual, dispersão escolar etc.).

2. Os eventos educativos são acontecimentos de natureza pedagógica e não-pedagógica que condicionam, positiva ou negativamente, os fatos com relevância pedagógica: reformas escolares, transformações econômicas, evoluções do mercado de trabalho etc. São eventos que, favorecendo a educação em si, são definidos eventos educativos. Os resultados são denominados formação (integração, sociabilidade, profissionalização etc.).

3. As intervenções educativas consistem nas atividades e nos processos da educação intencional, com particular atenção aos grupos sociais e às instituições educativas.

4.3. A metodologia

Os principais tipos de pesquisa são dois:

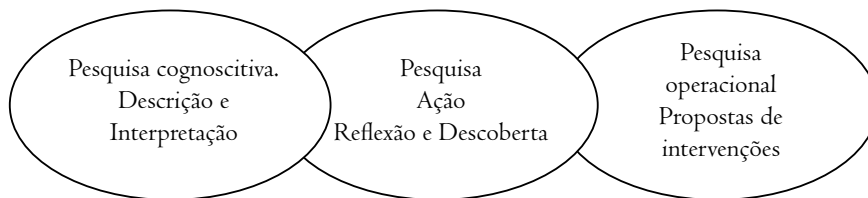
a) A pesquisa pode ter um objetivo cognoscitivo, para o enriquecimento do patrimônio das informações. Ela não incide diretamente sobre a formação das decisões, mas formula hipóteses, faz comparações ou indica ulteriores setores de pesquisa;

b) A pesquisa pode ter um objetivo operacional, de avançar propostas e, portanto, de influenciar as decisões e as opções políticas. As opções e as decisões políticas estariam na origem dos grandes eventos da natureza educativa ou teriam o poder de influenciar o universo educativo: o estado social, a formação dos professores, a reforma escolar, a coordenação das políticas sociais, o direito familiar, o direito da infância e da adolescência.

A pedagogia social mantém estes dois tipos de pesquisa (cognoscitiva e operacional) coligadas entre si no círculo teoria-práxis-teoria da pesquisa ação. Essa última se dá quando o pesquisador orienta as próprias pesquisas em vista de um fim significativo. Ele inicia uma relação de contínua verificação entre conhecimento e operacionalidade; uma experimentação em vista do aperfeiçoamento do método educativo.

A pesquisa sociopedagógica tem, portanto: caráter interpretativo (pesquisa cognoscitiva) quando quer analisar e explicar os conteúdos dos conhecimentos; caráter compreensivo (pesquisa-ação) quando compreende a reflexão e a descoberta; caráter proposicional (pesquisa operacional) quando sua finalidade última é a projeção, a correção de rota no processo educativo e a intervenção educativa (Cf. Figura I).

Figura I - Modelo metodológico da pesquisa sociopedagógica (D. Izzo, 1997, 36).



A pesquisa não é somente pedagógica ou somente social, mas sociopedagógica. Ela tem como fim modificar a realidade sob o perfil educativo. Além de buscar fatores ligados a uma situação de fato, ou às variáveis de um evento, a pesquisa sociopedagógica entende promover intervenções mais oportunas para melhorar ou modificar determinado aspecto da vida social: o da formação humana, em particular do itinerário formativo infantil, adolescencial e juvenil.

4.4. Conceituação do objeto da pesquisa

A conceituação do objeto da pesquisa busca trazer clareza ao estudo e abri-lo para confrontos e verificações sucessivas. Os conceitos pelos quais o objeto é definido compõem-se de abstrações racionalmente retalhadas do fluxo infinito de experiências, entre as quais o fenômeno considerado se apresenta. Analisa-se, pois, seja os significados que são dados ao objeto por parte do referencial teórico existente, seja dos significados que lhe são atribuídos pelo senso comum.

Os resultados da pesquisa não são generalizáveis além do âmbito espaço-temporal entre o qual a amostra foi aleatoriamente escolhida.

O conhecimento teórico é necessário para articular a hipótese, pois consegue situar em qual quadro ela pode ser, metodologicamente, mais adequadamente explicada.

Tomemos, como exemplo, o fato de que uma senhora dê um tapa na face de um senhor desconhecido. Podemos avançar três hipóteses: que ela é louca; que pensou se tratasse de outra pessoa; que tenha feito um movimento desgovernado com os braços, atingindo-o involuntariamente. Se tomarmos em análise a primeira hipótese, de loucura, devemos nos orientar em direção a um quadro teórico que avalie as reações dos doentes mentais. Para verificar tal hipótese, devemos torná-la operativa.

5. ANÁLISE DE UM MODELO: PESQUISA SOBRE DESVIO ENTRE ADOLESCENTES DE PERIFERIA

A título de exemplificação, trazemos o percurso de uma pesquisa socioeducativa que leva em consideração o risco de desvio social entre adolescentes e jovens trabalhadores.

5.1. Fase preparatória

5.1.1. Definição dos objetivos e da hipótese inicial

O pesquisador é motivado quase sempre por um questionamento sob determinada realidade que se torna o motivo central, antes de tudo, do próprio interesse, e depois, da elaboração da pesquisa. Em segundo lugar, ele deve fixar objetivos da pesquisa: onde quer chegar com uma provável pesquisa no campo escolhido: e depois formular hipóteses iniciais.

5.1.2. Pesquisa de fundo

A pesquisa de fundo tem como finalidade recolher elementos de conhecimento, seja em nível teórico, seja empírico que já existam sobre o objeto a ser pesquisado. Utiliza-se de maneira privilegiada a biblioteca para individualizar documentos, textos e artigos que digam respeito ao argumento. Aconselha-se a elaboração de um fichário sintético dos textos consultados. Fazem parte da pesquisa de fundo: a) o levantamento de pesquisas empíricas ou qualitativas previamente desenvolvidas sobre o tema; b) a reconstrução do contexto econômico, político, social e cultural dentro do qual o fenômeno estudado se situa; c) o enriquecimento das informações com as entrevistas aos *experts* e testemunhas privilegiadas. Esses últimos são os líderes formais (sindicalistas,

assessores, autoridades civis e religiosas, *experts*, polícia) e informais (o professor, o carteiro, o educador de rua etc.).

Dentro da nossa exemplificação, os conceitos relacionados a serem considerados no quadro teórico são: necessidades humanas, pobreza, marginalidade, risco social, desvio social.

5.1.3. Pesquisa bibliográfica

É a fase em que o pesquisador frequenta a biblioteca, seja ela física ou virtual: etapa dedicada à leitura e à sistematização do quadro teórico.

5.2. FASE DA ARTICULAÇÃO

5.2.1. Escrevendo o quadro teórico

O quadro teórico tem como objetivo situar a hipótese dentro do conhecimento já obtido por outros pesquisadores até o presente momento. Ele comporta, sobretudo, a exposição das principais correntes interpretativas do fenômeno, a identificação e a justificação das correntes que parecem mais adaptadas e o levantamento dos resultados das pesquisas mais recentes. Não se trata, pois, de construir um “manual” sobre o argumento em questão, mas – recordando que antes de nós existiram outros que interpretaram a mesma realidade – de utilizar de maneira adequada os recursos e as metodologias disponíveis na literatura científica.

5.2.2. O avançamento de hipóteses

Hipótese geral: “As reações irracionais e desviantes são consequência da frustração constante das necessidades da pessoa humana.” A hipótese geral que escolhemos para a nossa exemplificação pressupõe a existência de uma correlação

positiva entre frustração das necessidades e sintomas do desvio social. A nossa pesquisa propõe-se a levantar as situações de risco social nas diferentes áreas de vida (das necessidades, da família, do trabalho, da escola, do tempo livre), confrontando-as com a variável dependente, que no nosso caso corresponde à incidência de desvio social.

5.2.3. Individualização dos indicadores

Descobrir as diferentes modalidades de frustração das necessidades, por exemplo, no âmbito familiar: no caso devemos identificar indicadores de risco (frustração) já identificados na literatura científica pré-existente. Tais indicadores servem para a formulação das hipóteses operativas:

No âmbito da família partimos da hipótese de que exista maior incidência de desvio social entre os jovens que pertencem a famílias com problemas estruturais (famílias desestruturadas, com pais ausentes); que vivem em famílias cujo ambiente manifesta acentuadamente relacionamentos conflituosos; cujos filhos demonstrem escasso nível de participação nas responsabilidades domésticas; que demonstrem insatisfação em relação à vida afetiva familiar; e que assinalem dificuldades de comunicação com os pais.

5.2.4. Construção e aplicação do instrumento de investigação

Por exemplo, o questionário, no qual se tenta traduzir as informações necessárias e os indicadores por meio de construtos coerentes, sem ambigüidade e de fácil compreensão. Os indicadores são informações pelas quais é possível individualizar uma escala de valores diferente dentro da demanda considerada. Por exemplo, um indicador de risco familiar é a percepção negativa que o adolescente tem do clima familiar. Pode-se, então, perguntar como ele avalia

o clima, entre excelente, bom, regular, péssimo, utilizando-nos de uma escala Likert¹².

Técnicas de investigação:

a) A observação: passa pela percepção sensorial do pesquisador, que busca ver e sentir muito mais coisas de quanto comumente o senso comum deixa passar. A observação é o levantamento de determinadas situações de fato, conduzidas em base a um plano preciso, no curso do qual o pesquisador se coloca em uma atitude receptiva em relação ao objeto a ser estudado. A observação pode ser controlada ou não. A observação não controlada diz respeito à observação participante, na qual o pesquisador se insere no mesmo nível dos sujeitos observados. A observação controlada comporta a criação de condições artificiais ou de laboratório para observar os sujeitos.

b) A entrevista: diálogo entre duas ou mais pessoas durante o qual uma (o pesquisador ou entrevistador) interroga a outra com o fim de conhecer suas opiniões e experiências sobre alguns temas ou fatos que o digam respeito. Em geral, as entrevistas podem ser classificadas entre: a) entrevistas com questionário: para grandes quantidades de entrevistados. Implica mais rigidez das respostas; técnicas eletivas das pesquisas quantitativas do tipo sondagem (*survey*); b) entrevistas semi-estruturadas: são fichas de recolhimento de dados moderadamente rígidas, com espaço livre para respostas abertas;

c) Entrevistas livres: conduzidas pelo entrevistador, o qual tem ampla liberdade para conduzir e finalizar o colóquio. Podemos distingui-la entre aquelas não-diretivas, com ampla espontaneidade, consentida ao entrevistador;

12 Uma escala Likert, proposta por Rensis Likert em 1932, é uma escala em que os respondentes são solicitados não só a concordarem ou discordarem das afirmações, mas também a informarem qual o seu grau de concordância/discordância. A cada célula de resposta é atribuído um número que reflete a direção da atitude do respondente em relação a cada afirmação. A pontuação total da atitude de cada respondente é dada pela somatória das pontuações obtidas para cada afirmação.

aquelas focalizadas sob determinado tema; aquelas finalizadas ao levantamento de histórias de vida (dados biográficos); e aquelas efetuadas por meio de contatos telefônicos.

Quanto à modalidade de aplicação dos questionários dizemos que eles podem ser:

- a) aplicados: quando conduzidos pelo entrevistador;
- b) auto-aplicados: quando entregues aos sujeitos singularmente, que o respondem autonomamente diante ou sem a presença do entrevistador;
- c) enviados por meio postal (ou outro meio semelhante).

A linguagem do questionário deve demonstrar equilíbrio entre a eficiência, a coerência e a simplicidade, demonstrando atenção à excessiva simplificação e banalização. Devem ser evitados os termos técnicos ou especialísticos que requerem alto nível de instrução como aqueles próprios da linguagem profissional (o sociólogo), aqueles com frases coloquiais ou de gírias e aquelas perguntas “viciadas” ou tendenciosas.

5.3. Fase de elaboração dos dados e dos resultados

A fase de elaboração inclui a coleta e a elaboração dos dados que constituirão as fontes com base nas quais o pesquisador poderá descrever e interpretar a realidade estudada.

a) Elaboração dos dados: quando os resultados dos questionários chegam, em um primeiro momento, eles podem ser colhidos por meio de um programa adequado de computador. As modalidades de emissão dos dados e de *softwares* disponíveis são muitas e deve-se dar a preferência àquelas que oferecem mais segurança e simplicidade. Um segundo momento, diz respeito à elaboração

dos dados quando o pesquisador deve fazer opções específicas sobre quais variáveis e quais caminhos percorrer para obter os resultados prefigurados nas hipóteses. Os instrumentos estatísticos são variados: desde aqueles que nos oferecem a possibilidade de uma simples descrição dos resultados (por exemplo, os percentuais, a média ponderada) e aqueles mais sofisticados que oferecem a possibilidade de explicar e interpretar de maneira mais aprofundada os dados (por exemplo, análise fatorial, *cluster analysis*, *path analysis*).

b) Elaboração do relatório: a elaboração do relatório pode se servir tanto da descrição dos dados quanto da sua interpretação. No primeiro caso, utilizamos a descrição dos dados, fazendo uma leitura das tabulações dos diversos pontos de vista (linear, cruzada etc.). A pesquisa interpretativa, por sua vez, emprega instrumentos mais sofisticados que permitem a explicação de hipóteses mediante análises de correlações entre as variáveis em questão. Exemplo de instrumentos estatísticos em linha interpretativa são a análise fatorial, a *path analysis* e a *cluster analysis*.

5.4. Fase aplicativa

A fase aplicativa compreende à elaboração dos principais resultados e constrói a ponte – no caso da sociologia da educação – entre a sociologia e a pedagogia, entre o “socio” e o “pedagógico”, em vista da planificação das ações educativas.

a) Principais resultados (conclusões): o último momento é dedicado à síntese dos principais resultados da pesquisa descritiva e interpretativa e às conclusões operativas. É o momento no qual o pesquisador confronta os resultados com os objetivos da pesquisa: se a pesquisa se move em campo educativo ele deve construir a ponte entre os resultados e a metodologia educativa que lhe consinta intervir sobre a realidade estudada.

b) Conclusões operativas (aplicações no âmbito educativo): a pesquisa em sociologia da educação tende a interpretar os fenômenos para depois colocar os resultados como conhecimentos disponíveis para os educadores. A pedagogia tem um caráter aplicativo, prático e tem necessidade da pesquisa sociológica enquanto ela dá explicações mais precisas e atualizadas aos fenômenos que ocorrem em pequenos grupos e coletividades e aos fenômenos condicionantes da vida quotidiana de tais grupos e coletividades. O pesquisador deve, pois, saber fazer a ponte entre uma margem, que tem um caráter mais interpretativo (a pesquisa sociológica) e a outra, que tem um caráter mais normativo (a metodologia pedagógica) para impostar de maneira coerente e eficaz as intervenções educativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAZZI, A. (Org.). *Educazione e società nel mondo contemporaneo*. Brescia: La Scuola, 1965.

A.A.V.V. *West side studies; the Pittsburgh survey*. New York: Survey Associates, Russell Sage Foundation, 1914.

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Cidadania, Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2004.

_____ et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers*. Brasília: UNESCO, 2002.

AGAZZI, A. (Org.). *Educazione e società nel mondo contemporaneo*. Brescia: La Scuola, 1965.

AKERS, R.; HAWKINS, R. (Org.). *Law and control in society*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, [1975].

_____. *Deviant behavior: a social learning approach*. Belmont, Calif.: Wadsworth Pub. Co., [1973].

ALBOU, P. Sur le concept de besoin. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, n. 22, p. 197-238, 1975.

ALBUQUERQUE, R. C. de. Da condição de pobre à de não-pobre: modelos de ação pública antipobreza no Brasil. In: VELLOSO, J. P. R.; ALBUQUERQUE, R. de (Orgs.). *Modernidade e pobreza*. São Paulo: Nobel, 1994.

ANDERSON, N. *The hobo*. Chicago: Univ. of Chicago Press, [1923].

ARDIGÒ, A. *Crisi di governabilità e mondi vitali*. Bologna: Cappelli, 1980.

_____. *Per una sociologia oltre il post-moderno*. Bari: Laterza, 1988.

_____; CIPOLLA, C. *Le bancarie: lavoro, strategie emancipative, partecipazione e qualità della vita delle impiegate degli istituti di credito italiani*. Milano: Franco Angeli, 1985.

ARTO, A. *Psicologia evolutiva: metodologia di studio e proposta educativa*. Roma: LAS, 1990.

BARON, R. S.; KERR, N. L.; MILLER, N. *Group process, group decision, group action*. Pacific Grove: California Brooks-Cole, 1992.

BARRINGER, G. I. (Org.). *Social change in developing areas: a reinterpretation of evolutionary theory*. Cambridge, Mass.: Scenkman Pub. Co., [1965].

BAUDRILLARD, J. La genèse idéologique des besoins. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, n. 47, p. 45-68, 1969.

BECCARIA, C. *Dei delitti e delle pene*. Milano: Rizzoli, 1950. (Biblioteca universale Rizzoli; 123).

BECCEGATO, L. S. *Pedagogia sociale: riferimenti di base*. Brescia: La Scuola, 2001.

BECKER, H. S. *Outsiders: saggi di sociologia della devianza*. Torino: Gruppo Abele 1987.

_____. *Outsiders: studies in the sociology of deviance*. New York: The Free Press, 1963.

BENTHAM, J. *Oeuvres de J. Bentham*. Bruxelles: L. Hauman, 1829.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BIANCHI, G.; SALVI, R. Povertà. In: NUOVO dizionario di sociologia, 1987.

BISOGNO, P. Scientific research and human needs. In: FORTI, A; BISOGNO, P. (Org.). *Research and human needs*. Oxford: Pergamon Press, 1981. p. 11-48.

_____. _____. In: ENCICLOPEDIA Einaudi, 1977, v. 2.

BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. Bisogni. In: DIZIONARIO critico di sociologia. Roma: Armando, 1991.

BOYDEN, J.; HOLDEN, P. *Children of the cities*. London: Zed Books, 1991.

BROCHIER, H. Besoins économiques. In: ENCYCLOPAEDIA universalis. Paris: Editeur à Paris, 1985.

BROWN, C. C.; SAVAGE, C. (Org.). *The drug abuse controversy*. Baltimore, Maryland: National Educational Consultants, 1971.

BURGESS, R.; AKERS, R. A differential association: reinforcement theory of criminal behavior. *Social Problems*, n. 14, p. 128-147, 1966.

CALIMAN, C. Das diretrizes a Santo Domingo, v. 92. In: CNBB. *Diretrizes 1991-1994: caminhada desafios propostas*. São Paulo: Paulinas, 1992.

CALIMAN, G. Âmbito sociológico. In: PRELLEZO, J. M.; GARCIA, J. M. (Org.). *Invito alla ricerca: metodologia del lavoro scientifico*. Roma: [s.n.], 1998. p. 187-196.

_____. *Desafios, riscos, desvios*. Brasília: Universa, Unicef, 1998.

_____. *Giovani del Brasile e meninos da rua*. *Tuttogiovani Notizie*. Roma: LAS, p. 5-32, Gen./Mar. 1991.

_____. *Lavoro non solo: lavoratori tossicodipendenti: modelli sperimentali d'intervento*. Milano: Angeli, 2001.

_____. *Normalità devianza lavoro*. Roma: LAS, 1997. p. 460.

_____. *Pedagogia sociale*. In: PRELLEZO, J. M.; NANNI, C.; MALIZIA, G. *Dizionario di Scienze dell'Educazione*. Milano: Elle Di Ci, LAS, SEI, 1997. p. 802-803.

_____. *Prevenzione del disagio: problemi e prospettive*. In: VAN LOOY, L.; MALIZIA, G. *Formazione Professionale Salesiana: proposte in una prospettiva multidisciplinare*. Roma: LAS, 1998. p. 213-228.

_____. Promuovere “resilience” come risorsa educativa. *Orientamenti Pedagogici: Rivista Internazionale di Scienze dell'Educazione*. Torino: Società Editrice Internazionale, v. 47, n. I, p. 19-44, 2000.

_____. La prostituzione infantile in Brasile. *Orientamenti Pedagogici: Rivista Internazionale di Scienze dell'Educazione*. Torino: Società Editrice Internazionale, v. 260, n. 2, p. 492-502, 1999.

_____. La strada come punto di partenza: un modello interpretativo di intervento educativo per ragazzi di strada. *Orientamenti Pedagogici: Rivista Internazionale di Scienze dell'Educazione*. Torino: Società Editrice Internazionale, v. 45, n. I, p.9-33, 1998.

_____; MILANEZI, F.; DALTON, A. A política de atendimento à infância e à adolescência na RMGV. In: GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. IDS - *Índice de desenvolvimento humano dos municípios do Espírito Santo: relatório 2004*. Vitória: Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves, 2004. p. 60-80.

CARBONARO, A.; GURRIERI, G. C.; VENTURI, D. *La ricerca sociale: funzioni, metodi e strumenti*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1989.

CARDOSO, F. H.; FALETTTO, E. *Dipendenza e sottosviluppo in America Latina*. Milano: Feltrinelli, 1971.

CATTARINUSSI, B. *Altruismo e società: aspetti e problemi del comportamento prosociale*. Milano: Angeli, 1991.

CAVAN, R. S. *Criminology*. 3. ed. New York: Crowell, 1962.

CENTURIÃO, L. R. M. *Identidade & desvio social: ensaios de antropologia social*. Curitiba: Juruá, 2003.

CHIERA, R. *Meninos de rua: nelle favelas contra gli squadroni della morte*. Casale Monferrato: Piemme, 1994.

CHOMBART DE LAUWE, P.-H. *La culture et le pouvoir*. Paris: Stock, 1975.

_____. *Immagini della cultura: ricerche sullo sviluppo culturale*. Rimini: Guaraldi, 1973.

_____. *Pour une sociologie des aspirations*. Paris: Denoel, Gonthier, 1971.

COHEN, A. K. *Delinquent boys: the culture of the gang*. New York: The Free Press, 1955.

_____. *Deviance and control*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1966.

_____. The sociology of the deviant act: anomie theory and beyond. *The American Sociological Review*, v. 30, p. 5-14, 1965.

CONRAD, P.; SCHNEIDER, J. W. *Deviance and medicalization: from badness to sickness*. Philadelphia: Temple University Press, 1992.

COOLEY, C. H. *L'organizzazione sociale*. Milano: Edizioni di Comunità, 1963. (Classici della sociologia).

CORNISH, D. B.; CLARKE, R. V. (Org.). *The reasoning criminal: rational choice perspectives on offending*. Berlin: Springer Verlag, 1986.

COSTA, M. R. da. *Os carecas de subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. São Paulo: Musa, 2000.

COTTERELL, J. *Social networks and social influences in adolescence*. New York: Routledge, 1996. p. 6.

CRESSEY, D. R.; WARD, D. A. (Org.). *Delinquency, crime, and social process*. New York: Harper and Row, 1969.

DAVIS, K. Mental hygiene and the class structure. *Psychiatry: Journal of the Biology and Pathology of Interpersonal Relations*, p. 55-65, Feb. 1938.

DI NICOLA, G. P. *Il dovere, il piacere e tutto il resto: gli indicatori oggettivi della qualità della vita infantile*. Firenze: La Nuova Italia, 1989.

DILTHEY, W. *Critica della ragione storica*. Torino: G. Einaudi, 1982.

DINITZ, S.; DYNES, R. R.; CLARKE, A. C. (Orgs.). *Deviance*. New York: Oxford University Press, 1969.

DOISE, W.; DESCHAMPS, J.-C.; MUGNY, G. *Psicologia sociale*. Bologna: Zanichelli 1980.

DONATI, P. *La famiglia come relazione sociale*. Milano: Angeli, 1989.

_____. Famiglia e infanzia in una società rischiosa: come leggere e affrontare il senso del rischio. *Marginalità e Società*, n. 14, p. 7-38, 1990.

_____. L'integrazione dei servizi sociali e sanitari nell'ottica dei bisogni di salute per la loro rilevazione e soddisfazione. *La Rivista di Servizio Sociale*, n. 3, p. 3-29, 1981.

_____; DOYAL, L.; GOUGH, I. A theory of human needs. *Critical Social Policy*, n. 1, p. 6-37, 1984.

DUCLOS, D. La construction sociale du risque: le cas des ouvriers de la chimie face aux dangers industriels. *Revue Française de Sociologie*, n. 28, p. 17-42, 1987.

DURKHEIM, É. *A divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, [1893].

_____. *Le regole del metodo sociologico*. Firenze: G. C. Sansoni, 1970.

_____. *The rules of sociological method*. New York: The Free Press, 1964.

_____. *Il suicidio: l'educazione morale*. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1969. (Classici della sociologia; 8).

_____. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EDELMAN, M. W. Children at risk. In: MACCHIAROLA, F.; GARTNER, A. (Org.). *Caring for America's children*. New York: The Academy of Political Science, 1989.

ERIKSON, K. T. *Wayward puritans: a study in the sociology of deviance*. New York: Allyn & Bacon, 2005.

ETZIONI, A. Basic human needs, alienation and inauthenticity. *American Sociological Review*, n. 33, p. 870-885, 1968.

EYSENCK, H. J. *Crime and personality*. London: Routledge Kegan Paul, 1964.

_____. *Smoking, health, and personality*. New York: Basic Books, 1965.

FARIS, R. E. L. *An ecological study of insanity in the city*. [Chicago]: [s.n.], 1939.

_____. *Mental disorder in urban areas*. New York: Hafner Pub. Co., 1960.

FAUSTO, A.; CERVINI, R. *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1992.

- FÉRE, C. S. *Dégénérescence et criminalité: essai physiologique*. Paris: F. Alcan, 1888.
- FERMOSO, P. *Pedagogia social: fundamentación científica*. Barcelona: Herder, 1994.
- FERRI, E. *Criminal sociology*. New York: D. Appleton, 1897.
- _____. *L'omicida nella psicologia e nella psicopatologia criminale: l'omicidio-suicidio, responsabilità giuridica*. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1925.
- _____. *Sociologia criminale*. 4. ed. Torino: Fratelli Bocca, 1900.
- _____. *La teoria dell'imputabilità e la negazione del libero arbitrio*. Firenze: [s.n.], 1878.
- FICHTER, J. H. *Sociologia fondamentale*. [Roma]: ONARMO, 1961.
- FISCHER, L. *Prospettive sociologiche*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1992.
- FIZZOTTI, E.; GISMONDI, A. *Senso della vita e dinamiche familiari: una lettura logoterapeutica*. Roma: LAS, 1993.
- FRANK, A. G. *Capitalismo e sottosviluppo in America Latina*. Torino: Einaudi, 1969.
- FRANKL, V. *Alla ricerca di un significato della vita*. Milano: Mursia, 1974.
- FREUND, J. Théorie du besoin. *L'Année Sociologique*, p. 13-64, 1971.
- FROMM, E. *Psicanalisi della società contemporanea*. Milano: Edizioni di Comunità, 1981.

FRYMIER, J. R.; BARBER, L. et al. *Phi Delta Kappa study of students at risk: final report*. Bloomington, Ind.: Phi Delta Kappa, 1992.

GADOTTI, G. Qualità della vita. In: DEMARCHI, F. ; ELLENA, A. ; CATTARINUSSI, B. *Nuovo Dizionario di Sociologia*. Milano: Paoline, 1987.

GALLINO, L. *Dizionario di sociologia*. Torino: UTET, 1978.

GENNARO, G. *Manuale di sociologia della devianza*. Milano: FrancoAngeli, 1993.

GLASER, D. *Social deviance*. Chicago: Markham, 1971. (Markham series in process and change in American society).

GLUECK, S. *Unrevealing juvenile delinquency*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1950.

_____; GLUECK, E. *Dal fanciullo al delinquente*. Firenze: Editrice Universitaria, 1957.

GOFFMAN, E. *Asylums. Le istituzioni totali*. Torino: G. Einaudi, 1970.

GOMES DA COSTA, A. C. *Educação e vida*. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

_____. *Lições de aprendiz*. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2002.

GOODE, E. (Org.). Deviance, norms, and social reaction. In: GOODE, E. (Org.). *Social deviance*. Boston: Allyn and Bacon, 1996.

_____. (Org.). *Moral panics: the social construction of deviance*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. (Org.). *Social deviance*. Boston: Allyn and Bacon, 1996.

_____; GORING, C. B. *The English convict: a statistical study*. Montclair, N. J.: Patterson Smith, 1972.

GOTTFREDSON, M.; HIRSCHI, T. *A general theory of crime*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1990.

GRANT, J. P. *Situação mundial da infância 1994*. Brasília: UNICEF, 1994.

GRITTI, R. (Org.). *L'immagine degli altri: orientamenti per l'educazione allo sviluppo*. Firenze: La Nuova Italia, 1985.

GUERRY, A.-M. *Statistique morale de l'Angleterre comparée avec la statistique morale de la France, d'après les comptes de l'administration de la justice criminelle en Angleterre et en France*. Paris: J.-B. Baillière et fils, 1864. 166 p.

_____. *A translation of Andre-Michel Guerry's Essay on the moral statistics of France (1883): a sociological report to the French Academy of Science*. Lewiston, N.Y. : Edwin Mellen Press, 2002.

HAECKEL, E. H. P. A. *Histoire de la création des êtres organisés d'après les lois naturelles*. 2. ed. Paris: C. Reinwald et cie, 1877.

HALBWACHS, M. *La classe ouvrière et les niveaux de vie*. Londres: Gordon & Breach, 1970.

_____. *Esquisse d'une psychologie des classes sociales*. Paris: Librairie Marcel Rivière et Cie, 1955.

HEB, D. O. *A textbook of psychology*. 3. ed. Philadelphia: Saunders, 1972.

HECKERT, A.; HECKERT, D. M. A new typology of deviance: integrating normative and reactivist definitions of deviance. *Deviant Behavior: An Interdisciplinary Journal*. Philadelphia, PA: Taylor & Francis, Inc., 2002.

HEGEL, G. G. F. *Lineamenti di filosofia del diritto*. Bari: Laterza, 1913. (Classici della filosofia moderna; 18).

HEITZEG, N. *Deviance: rulemakers & rulebrakers*. Minneapolis: West Publishing Company, 1996.

HELLER, A. *La teoria dei bisogni in Marx*. Milano: Feltrinelli, 1980.

HIRSCHI, T. *Causes of delinquency*. New Brunswick: Transaction Publishers, 2005.

HOUAISS. Fator. In: DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Objetiva, 2004.

HULL, C. L. *I principi del comportamento: introduzione alla teoria del comportamento*. Roma: Armando, 1978.

ILLICH, I. *La convivialità*. Milano: Mondadori, 1974.

INGLEHART, R. *La rivoluzione silenziosa*. Milano: Rizzoli, 1983.

IZZO, D. *Manuale di pedagogia sociale*. Bologna: CLEUB, 1997.

JEPHCOTT, P. *Some young people*. London: Allen and Unwin, 1954.

JOHNSON, C. S. *The negro in American civilization*. New York: H. Holt, c1930.

KOBRIN, S. *The social act as a unit in behavioral analysis*. Chicago: Dept. of Research, Institute for Juvenile Research, 1964.

_____; KLEIN, M. W. *Community treatment of juvenile offenders: the DSO experiments*. Beverly Hills: Sage Publications c1983, 341 p.

- KRETSCHMER, E. *Hombres geniales*. Barcelona: Labor 1954.
- _____. *The psychology of men of genius*. College Park, Md.: McGrath Pub. Co., 1970.
- KRISCHKE, P. J. Carências e sujeitos sociais: uma estratégia para o seu des(en)cobrimento. *Sociedade e Estado*, n. 2, p. 37-58, 1989.
- KVARACEUS, W. C.. *Prevention and control of delinquency: the school counselor's role*. Boston: Houghton Mifflin, 1971.
- _____; MILLER, W. B. *Delinquent behavior*. 2.ed. Cestport, Conn.: Greenwood Press, 1976.
- LANZETTI, C. *Qualità e senso della vita in ambiente urbano ed extraurbano*. Milano: Angeli, 1990.
- LEELAKULTHANIT, O.; DAY, R. L. Quality of life in Thailand. *Social Indicators Research*, v. I, n. 27, p. 41-57, 1992.
- LEISS, W. *The limits to satisfaction: an essay on the problem of needs and commodities*. Toronto: University of Toronto Press, 1976.
- LEMERT, E. M. *Devianza, problemi sociali e forme di controllo*. Milano: A. Giuffrè 1981. (Collana di psicologia sociale e clinica; I).
- _____. *Human deviance, social problems, and social control*. Englewood Cliffs N.J.: Prentice-Hall, 1967.
- LEWIS, O. *La cultura della povertà e altri saggi di antropologia*. Bologna: Il Mulino, 1973.

LOMBROSO, C. *L'uomo delinquente in rapporto all'antropologia, giurisprudenza ed alle discipline carcerarie: delinquente-nato e pazzo morale*. 3. ed. Torino: Fratelli Bocca, 1884.

_____. Positivismo e delinquência. In: CIACCI M.; GUALANDI, V.. *La costruzione sociale della devianza*. Bologna: Il Mulino, 1977.

LUBECK, S.; GARRETT, P. The social construction of the "At-risk" child. *British Journal of Sociology of Education*, v. 3, n. II, p. 327-340, 1990.

LUHMANN, N. *Edgework: the sociology of risk taking*. New York: Routledge, 2004.

_____. *Sociologia del rischio*. Milano: Mondadori, 1996.

LYMAN, S. M.; SCOTT, M. B. *A sociology of the absurd*. New York: Appleton-Century-Crofts, [1970].

LYND, R. S.. *Middletown*. New York: Harcourt Brace World, 1929.

_____; LYND, H. M. *Middletown in transition*. New York: Harcourt, Brace Company, 1937.

LYNG, S. Edgework: a social psychological analysis of voluntary risk taking. *American Journal of Sociology*, v. 4, n. 95, p. 851-886, 1990.

MALINOWSKI, B. *Teoria scientifica della cultura e altri saggi*. Milano: Feltrinelli, 1971.

MALLMANN, C. A. The quality of life and development alternatives. In: FORTI, A.; BISOGNO, P. (Org.). *Research and human needs*. Oxford: Pergamon, 1981. p. 113-123.

- MARX, K. *Opere filosofiche giovanili*. Roma: Editori Riuniti, [1963].
- _____; ENGELS, F. *Manifesto del partito comunista*. Roma: Editori Riuniti, 1976. (Serie Le idee; 18).
- MASINI, V. *Comunità incontro*. Roma: La Parola, 1987.
- MASLOW, A. 'Higher' and 'lower' needs. *The Journal of Psychology*, v. 2, n. 25, p. 433-436, 1948.
- _____. *The instinctoid nature of basic needs*. *Journal of Personality*, v. 3, n. 22, p. 326-347, 1954.
- _____. *Motivazione e personalità*. Roma: Armando, 1973.
- MATZA, D. L'affinità. In: _____. *Come si diventa devianti*. Bologna: Il Mulino, 1969. p. 145-160.
- _____. *Becoming deviant*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1969.
- _____. *Come si diventa devianti*. [Bologna]: Il Mulino, 1976. (Serie Universale paperbacks Il Mulino; 33).
- _____; SYKES, G. M. Juvenile delinquency and subterranean values. *American Sociological Review*, v. 3, n. 26, p. 712-719, 1961.
- MAYS, J. B. (Org.). *The social treatment of young offenders*. London: Longman, 1975.
- MCCLEARY, R. A.; MOORE, R. Y. *Subcortical mechanisms of behaviour*. New York: Basic Books, 1965.
- McKENZIE, R. D. *The metropolitan community*. New York: McGraw-Hill Book Company, Inc., 1933.

MEAD, G. H. *Mente, sé e società dal punto di vista di uno psicologo comportamentista*. Firenze: Barbèra, 1966.

MELOSSI, D. *Stato, controllo sociale, devianza*. Milano: Mondadori, 2002.

MELUCCI, A. *Nomads of the present: social movements and individual needs in contemporary society*. Philadelphia: Temple University Press, 1989.

MERTON, R. K. *Social theory and social structure*. London: The Free Press of Glencoe, 1964.

_____. *Struttura sociale e anomia*. In: CIACCI, M. ; GUALANDI, V. (Org.). *La costruzione sociale della devianza*. Bologna: Il Mulino, 1977.

_____. *Teorie e struttura sociale*. Bologna: Il Mulino, 1959. (Collezione di testi e di studi. Scienze sociali; 7).

_____; NISBET, R. A. (Org.). *Contemporary social problems*. 2. ed. New York: Harcourt, Brace & World, [1966].

MESEDER, C. A. et al. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

MILANESI, G. *Appunti di sociologia de devianza*. Roma: Università Pontificia Salesiana, 1988.

_____. *I giovani nella società complessa: una lettura educativa della condizione giovanile*. Milano: ElleDiCi, 1989.

MILLER, W. B. Lower class culture as a generating milieu of gang delinquency. In: GOODE, E. (Org.). *Social deviance*. Boston: Allyn and Bacon, 1996. p. 104-112.

_____. Lower class culture as generating milieu of gang delinquency. *Journal of Social Issues*, v. 3, n. 14, p. 5-19, 1958.

MION, R. (Org.). La conoscenza della problematica giovanile in Italia. *Autonomie Locali e Servizi Sociali*, v. 3, p. 518-527, 1986.

_____. *Emarginazione e associazionismo giovanile: emarginazione, disagio giovanile e prevenzione nella società italiana dal 1945 ad oggi*. Roma: Ministero dell'Interno, 1990.

_____. *Sociologia della gioventù*. Roma: Università Pontificia Salesiana, 1992. (mimeo).

MORO, A. C. Società rischiosa e preadolescenza. *Il Bambino Incompiuto*, v. 9, n. 3, p. 7-20, 1992.

MORRIS, R. T. A typology of norms. *American Sociological Review*, n. 21, p. 610-613, 1956.

MORSELLI, E. A. *Antropologia generale: l'uomo secondo la teoria dell'evoluzione*. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1911.

NERESINI, F.; RANCI, C. *Disagio giovanile e politiche sociali*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1992.

NICOLA. *Tempo libero e minoria rischio in Abruzzo*. [s.l.]: [s.n.], 1990.

NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Cidadania, Perseu Abramo, 2004.

PARETO, V. *Trattato di sociologia generale*. Firenze: G. Barbèra, 1923.

PARK, R. E. *The city*. Chicago: U.C.P., 1929.

_____; BURGESS, E. W.; McKENZIE, R. D. *La città*. Milano: Edizioni di Comunità, 1967.

PARSONS, T. *The social system*. Glencoe, Ill.: Free Press, [1951a].

_____. *Toward a general theory of action*. Cambridge: Harvard University Press, 1951b.

_____; BALES, R. F. *Family, socialization and interaction process*. Glencoe, Ill.: Free Press, [1955].

PENNA FIRME, T.; STONE, V. I.; TIJIBOY, J. A. The generation and observation of evaluation indicators of the psychosocial development of participants in programs for street children in Brazil. In: MYERS, W. E. (Org.). *Protecting working children*. London: Zed, UNICEF, 1991. p. 138-150.

PETRACCHI, G. *Motivazione e insegnamento*. Brescia: La Scuola, 1990.

PICK, D. *Faces of degeneration: a european disorder, c.1848-c.1918*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

PITCH, T. *La devianza*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1986.

POLETTI, F. *Le rappresentazioni sociali della delinquenza giovanile*. Firenze: La Nuova Italia, 1988.

POSTERLI, R. *Violência urbana: abordagem multifatorial da criminogênese*. Belo Horizonte: Inédita, 2000.

PRICE, R. H. *Abnormal behavior*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

PROUDHON, J. *Système des contradictions ou philosophie de la misère*. Paris: Guillaumin, 1846.

QUÉTELET, A. *Adolphe Quételet: l'ouvre sociologique et démographique; choix de textes*. Bruxelles: Centre d'Etude de la Population et de la Famille, 1974.

_____. *Letters addressed to H.R.H. the Grand Duke of Saxe Coburg and Gotha, on the theory of probabilities, as applied to the moral and political sciences*. London: C. & E. Layton, 1849.

_____. *Lettres à S.A.R. le duc régnant de Saxe-Coburg et Gotha, sur la théorie des probabilités, appliquée aux sciences morales et politiques*. Bruxelles: M. Hayez, 1846.

QUIJANO, A. O. Notas sobre o conceito de marginalidade social. In: PEREIRA, L. *Populações 'marginais'*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

QUINTANA CABANAS, J. M. *Pedagogia social*. Madrid: Dykinson, 1984.

REALE, G.; ANTISERI, D. *Il pensiero occidentale dalle origini ad oggi*, v. 3: dai romanticismo ai giorni nostri. Brescia: La Scuola, 1992.

RECKLESS, W. C. *The crime problem*. New York: Appleton-Century-Clofts, 1950.

_____. Delinquency vulnerability. *American Sociological Review*, v. 4, n. 27, p. 515-517, 1962.

_____. Self concept as an insulator against delinquency. *American Sociological Review*, v. 6, n. 21, p. 744-746, 1956.

REICH, W. *Psicologia di massa del fascismo*. Milano: Sugar, 1971.

RELATÓRIO BRANDT, NORD-SUD: un programma per la sopravvivenza. Milano: Mondadori, 1980.

REX, J. *Approaches to sociology*. London: Routledge Kegan Paul, 1974.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIGOBELLO, A. *Storia del pensiero occidentale*, v. 5: dal romanticismo al positivismo. Milano: Marzorati, 1974.

RINGHINI, G. *Giovani e città: percorsi giovanili a 'rischio'*. Brescia: Assessorato alla Pubblica Istruzione, 1984.

RODRIGUEZ, J. *Desde la perspectiva del subdesarrollo*. Bogotá: Centro Editorial Universidad Nacional de Colombia, 1988.

_____. El muchacho de la calle - educación vs. marginalidad o marginalidad vs. educación? In: DICASTERO DELLA PASTORALE GIOVANILE DELLA CONGREGAZIONE SALESIANA. *Emarginazione e pedagogia salesiana*. Leumann: ElleDiCi, 1987. p. 162-163.

RONCO, A. *Introduzione alla psicologia*, v. 1: psicologia dinamica. Roma: LAS, 1980.

ROSENBERG, M.; TURNER, R. H.; BACKMAN, C. W. *Social psychology*. New York: Basics Books, 1981.

RUBINGTON, E.; WEINBERG, M. S. (Org.). *Deviance*. New York: Mac-Millan, 1968.

RUNCIMAN, W. G. *Ineguaglianza e coscienza sociale*. Torino: Einaudi, 1971.

SALES, M. A.; MATOS, M. C. de; LEAL, M. C. (Org.). *Política social, família e juventude: uma questão de direitos*. São Paulo: Cortez, 2004.

SALVINI, G. Vecchie e nuove povertà in Italia. *La Civiltà Cattolica*, n. 4, p. 244-256, 1991.

- SAPORITI, A. Alcune osservazioni sull'uso delle 'statistiche ufficiali' nella valutazione delle condizioni di rischio nelle famiglie. *La Ricerca Sociale*, n. 45, p. 46-58, 1991.
- SARBIN, T. R. *Studies in behavior pathology*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1962.
- SARPELLON, G. (Org.). *Rapporto sulla povertà in Italia*. Milano: Angeli, 1984.
- _____. (Org.). *Secondo rapporto sulla povertà in Italia*. Milano: Angeli, 1992.
- SCHELB, G. Z. *Violência e criminalidade infanto-juvenil: intervenções e encaminhamentos*. Brasília: [s.n.], 2004.
- SCHNEIDER, L. *Marginalidade e delinquência juvenil*. São Paulo: Cortez, 1982.
- SHAW, C. R. *The Jack Roller: a delinquent boy's own story*. Chicago: University of Chicago Press, 1930.
- _____. *The natural history of a delinquent career*. Chicago: University of Chicago Press, 1931.
- _____; McKAY, H. D. *Juvenile delinquency and urban areas*. Chicago: The University of Chicago Press, 1942.
- SHILLING, C. Educating the body: physical capital and the production of social inequalities. *Sociology*, v. 25, n. 4, p. 653-672, 1991.
- SIDOTI, F. *Povertà, devianza, criminalit  nell'Italia Meridionale*. Milano: Franco Angeli, 1989.
- SILLAMY, N. (Org.). Besoin. In: DICTIONNAIRE usuel de psychologie. Paris: Bordas, 1983.

- SILVA, R. da. *Os filhos do governo*. São Paulo: Ática, 1998. p. 208.
- SIMMEL, G. *La moda*. Roma: Editori Riuniti, 1985.
- SLOTTJE D.; SCULLY, J. G.; HIRSCHBERG, J. G. *Measuring the quality of life across countries: a multidimensional analysis*. Boulder: Westview Press, 1991.
- SMALL, A. W. *Origins of sociology*. New York: Russel & Russell, 1967.
- SMITH, A. *Indagine sulla natura e le cause della ricchezza delle nazioni*. Milano: Mondadori, [1977].
- SOROKIN, P. A. *La dinamica sociale e culturale*. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1975.
- SOUZA CAMPOS, M. C. S. *Educação: agentes formais e informais*. São Paulo: EPU, 1985.
- SOUZA FILHO, H. et al. *Vidas em risco: assassinatos de crianças e adolescentes no Brasil*. [s.l.]: [s.n.], 1991.
- SOUZA NETO, J. C. de. *Crianças e adolescentes abandonados*. São Paulo: Arte Impressa, 2002. p. 191.
- SPENCER, H. *Illustrations of universal progress: a series of discussions*. New York: D. Appleton and Company, 1883.
- SPRINGBORG, P. *The problem of human needs and the critique of civilization*. London: George Allen & Unwin, 1981.
- SPROUT, H.; SPROUT, M. *The ecological perspective on human affairs, with special reference to international politics*. Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1965.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SROLE, L. Social integration and certain corollaries: an exploratory study. *American Sociological Review*, n. 21, p. 709-716, 1956.
- STARK, R. Deviant places: a theory of the ecology of crime. *Criminology*, v, 25, n. 4, p. 893-909, 1987.
- SUMMER, W. G. *Folkways*. New York: Ginn & Co., 1906.
- SUTHERLAND, E. *La criminalità dei colletti bianchi e altri scritti*. Milano: Unicopli, 1986.
- _____; CRESSEY, D. R. *Principles of criminology*. Chicago, Philadelphia: J.B. Lippincott Company, 1947.
- SYKES, G.; MATZA, D. Techniques of neutralization: a theory of delinquency. *American Sociological Review*, n. 22, p. 664-670, 1957.
- TANNENBAUM, F. *Crime and the community*. New York: Columbia University Press, 1938.
- TARDE, G. Le leggi dell'imitazione. In: FERRAROTTI, F. (Org.). *Scritti Sociologici di Gabriel Tarde*. Torino: UTET, 1976.
- TAYLOR, I.; TAYLOR, L. *Politics and deviance*. Harmondsworth: Penguin, 1973.
- _____; WALTON, P.; YOUNG, J. *The new criminology: for a social theory of deviance*. London: Routledge Kegan Paul, 1973.
- THIO, A.; CALHOUN, T. C. *Readings in deviant behavior*. 3 ed. New York: Pearson Education, 2004.
- THOMAE, H. *Dinamica della decisione umana*. Verlag: PAS, 1964.

- THOMAS, W. I. *The unadjusted girl*. New York: Harper, 1923.
- _____; THOMAS, D. S. *The child in America*. New York: A. A. Knopf, 1938.
- _____; ZNANIECKI, F. W. *Il contadino polacco in Europa e in America*. Milano: Edizioni di Comunità, 1968.
- THRASHER, F. M. *The gang: a study of 1.313 gangs in Chicago*. Chicago: University of Chicago Press, 1963.
- TIMASHEFF, N. S. *Sociological theory, its nature and growth*. New York: Random House, [1957].
- TOFFOLETTO, E.; BRESCIA, H. *La Scuola*. [S.l.]: Ernst Heinrich HAECKEL, 1945.
- TONOLO, G.; DE PIERI, S. (Org.). *L'età incompiuta: ricerca sulla formazione dell'identità negli adolescenti italiani*. Torino: Elle Di Ci, 1995.
- TRASLER, G. *The Formative years: how children become members of their society*. New York: Schocken Books, [1970].
- _____. *The shaping of social behaviour: an inaugural lecture, delivered at the University on 6th December 1966*. Southampton: Southampton University, 1967.
- TULLIO-ALTAN, C. *I valori difficili: inchiesta sulle tendenze ideologiche e politiche dei giovani in Italia*. Milano: Bompiani, 1974.
- UDE MARQUES, W. E. *Infâncias (pre)ocupadas: trabalho infantil, família e identidade*. Brasília: Plano Editora, 2001.
- VANDENBURGH, H. *Deviance: the essentials*. New Jersey: Pearson Prentice Hall, 2004.

VEBLEN, T. *La teoria della classe agiata: studio economico sulle istituzioni*. Torino: Einaudi, 1971.

VELHO, G. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

_____. *Nobres e anjos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. *Subjetividade e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973.

VITACHI. *Stolen childhood: in search of the rights of the child*. Cambridge: Polity Press, 1989.

WARD, D. A.; CARTER, T. J.; PERRIN, R. D. *Social deviance: being, behaving and branding*. Boston: Allyn and Bacon, 1994.

WEBER, M. *Antologia di scritti sociologici*. Bologna: Il Mulino, 1977.

_____. *Economia e società*. Milano: Edizioni di Comunità, 1974.

_____. *L'etica protestante e lo spirito del capitalismo*. Firenze: Sansoni, 1965.

_____. *Il método delle scienze storico-sociali*. Torino: Einaudi, 1958.

_____. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, G.; FERNANDES, F. (Org.). *Weber*. São Paulo: Ática, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. *Sociologia delle religioni*. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1976.

WINSLOW, R. W. *Society in transition*. New York: The Free Press, 1970.

WIRTH, L. The problems of minority groups. _____. *The science of man in the world crisis*. New York: Columbia University Press, 1945. p. 347-372.

ZAJCZYK, F. La povertà oggi: alcuni spunti teorici e metodologici. *Marginalità e Società*, n. 13, p. 30-47, 1990.

ZALUAR, A. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ZANETI, H. *Juventude e revolução: uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

ZORBAUGH, H. W. *The gold coast and the slum*. Chicago: University of Chicago Press, 1929.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS